

# HISTORICIZAÇÃO E PANORAMA SOCIOCULTURAL DO TRANSPENTECOSTALISMO NO BRASIL

HISTORICIZATION AND SOCIOCULTURAL PANORAMA OF  
TRANSPENTECOSTALISM IN BRAZIL

HISTORICIZACIÓN Y PANORAMA SOCIOCULTURAL DEL  
TRANSPENTECOSTALISMO EN BRASIL

## PAULO JULIÃO DA SILVA

● Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Fundação de Ensino Superior de Olinda (FUNESO-2004), Especialização em Ensino de História das Artes e das Religiões pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE-2006), Mestrado em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE-2010), e Doutorado em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-2016).

## SAMUEL PABLO COSTA DE ALMEIDA

● Graduado em Letras Português/ Inglês pela UniCesumar. Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), obtendo a Lâurea Universitária com média global 9,67. Especialista em História do Brasil pela Faculdade Iguazu e especialista em Teologia e História das Religiões pela mesma instituição. Mestre em História pela UFPE.

## **RESUMO**

As igrejas transpentecostais, as quais vêm ganhando força nas últimas décadas no Brasil, estão intrinsecamente alicerçadas nos panoramas políticos, econômicos e culturais do país. Mediante a necessidade de historicizar essa expressão religiosa, pretendeu-se neste artigo realizar uma abordagem conceitual e histórica acerca das promessas de prosperidade financeira realizada por instituições religiosas que fazem parte dessa vertente, o discurso de guerra travada com o Diabo e a legitimidade discursiva promovida pelas histórias de vida inspiradoras. Para alcançar as finalidades propostas, foram realizadas revisões de literatura, bem como imersões etnográficas - fruto da pesquisa de mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. A partir desse estudo, foi possível concluir que o panorama evidenciado nas igrejas transpentecostais gira em torno de identificar as facetas do mal para poder combatê-las nesses espaços religiosos, ao passo que são realizadas promessas de prosperidade material, nas quais são legitimadas por discursos inspiradores de fiéis.

**Palavras-chave:** demonização; teologia da prosperidade; discurso; inspiração.

## **ABSTRACT**

Transpentecostal churches, which have been gaining strength in recent decades in Brazil, are intrinsically grounded in the country's political, economic and cultural panoramas. Given the need to historicize this religious expression, this article aimed to provide a conceptual and historical approach to the promises of financial prosperity made by religious institutions that are part of this movement, the discourse of war waged against the Devil and the discursive legitimacy promoted by inspiring life stories. To achieve the proposed goals, literature reviews were carried out, as well as ethnographic immersions - the result of master's research developed within the scope of the Postgraduate Program in History at the Federal University of Pernambuco. Based on this study, it was possible to conclude that the panorama evidenced in transpentecostal churches revolves around identifying the facets of evil in order to combat them in these religious spaces, while promises of material prosperity are made, which are legitimized by inspiring discourses of believers.

**Keywords:** demonization; prosperity theology; discourse; inspiration.

## RESUMEN

Las iglesias transpentecostales, que han ido ganando fuerza en las últimas décadas en Brasil, están intrínsecamente basadas en el panorama político, económico y cultural del país. Debido a la necesidad de historizar esta expresión religiosa, este artículo se propuso realizar un acercamiento conceptual e histórico a las promesas de prosperidad financiera realizadas por las instituciones religiosas que se enmarcan en esta vertiente, el discurso de la guerra contra el Diablo y la legitimidad discursiva promovidos por historias de vida inspiradoras. Para alcanzar los objetivos propuestos, se realizaron revisiones de literatura, así como inmersiones etnográficas, resultado de investigaciones de maestría desarrolladas en el ámbito del Programa de Postgrado en Historia de la Universidad Federal de Pernambuco. De este estudio se pudo concluir que el panorama evidenciado en las iglesias transpentecostales gira en torno a identificar las facetas del mal para combatirlas en estos espacios religiosos, mientras se hacen promesas de prosperidad material, las cuales son legitimadas por inspiradores discursos de creyentes.

## INTRODUÇÃO

O transpentecostalismo pode ser caracterizado como uma expressão religiosa que emergiu a partir da renovação pentecostal nos anos 1950. As igrejas transpentecostais, por sua vez, enfatizam a experiência individual de Deus, o qual advoga por causas particulares por intermédio da Igreja, e realizam a construção discursiva a partir da fé, da figura do Diabo e das curas proporcionadas pelo pacto<sup>1</sup> entre os fiéis e as instituições religiosas. Mediante às implicações na sociedade e no âmbito político, discutir o conceito do transpentecostalismo e suas características principais torna-se fundamental para compreender a complexidade do movimento e para dimensionar esses impactos.

A substituição da consolidada terminologia “neopentecostalismo” na literatura sobre o assunto se deu em virtude de uma maneira de enxergar o movimento. O prefixo “neo” sugere algo novo no âmbito pentecostal. Contudo, parte-se da premissa que - na realidade - é um processo de continuidade dentro do pentecostalismo, no qual está constantemente em transformação e não se caracteriza mais como nova a vertente religiosa a qual seus alicerces surgiram na década de 1970. Por essa razão, optou-se por utilizar o termo “transpentecostalismo”, a fim de demarcar a noção de ressignificação proposta para o movimento religioso pesquisado.

De acordo com Pereira (2012), a década de 1980 foi destacada não apenas pelo progresso da democratização e pelos altos índices de inflação, mas também pela ampla implementação de práticas neoliberais. Esses mecanismos sociais vieram acompanhados de dogmatismos ideológicos e moralistas. Dessa forma, esses princípios, originados de uma perspectiva econômica, entrelaçaram-se com o cenário cultural brasileiro, incluindo o setor religioso. As igrejas neopentecostais oferecem uma espiritualidade mais próxima do cotidiano e uma promessa de sucesso material e financeiro para seus fiéis.

Nesse sentido, durante os governos militares houve um fortalecimento das bases necessárias para o florescimento do discurso e das práticas neoliberais, abrindo caminhos para o empreendedorismo e para as lógicas de capital estrangeiro. Já durante a década de 1980, o Brasil enfrentou uma instabilidade econômica e financeira, devido à crise e à inflação incontrolável. Esta situação afetou significativamente a vida das pessoas e dificultou o progresso econômico do país. A alta taxa de inflação tornou-se uma das maiores preocupações na época. Durante

---

<sup>1</sup> A Teologia do Pacto é proveniente das ideias de Robert McAlister na Igreja Nova Vida. Não tinha, no entanto, a imagética criada pela Teologia da Prosperidade presente na Igreja Universal, pois pregava a conexão com a Igreja, mas não tinha tanto apelo para as questões de ordem material.

esse período, o Brasil passou por um momento de significativas alterações na esfera econômica, na tentativa de solucionar a crise financeira e controlar a instável inflação.

Embora tenham sido implementadas diversas medidas, elas não obtiveram resultados eficazes e a inflação manteve-se como uma questão persistente até o início da década de 1990. Foi então que o país adotou uma estratégia de estabilização financeira e uma política monetária renovada. Entretanto, é válido salientar que os momentos de crise são sempre uma força motriz para que os discursos que prometem a melhoria das condições sociais surjam e ganhem força rapidamente. Nesse sentido, além das políticas econômicas que foram adotadas, emergiu uma série de igrejas alinhadas ao discurso de prosperidade no final da década de 1980.

O Governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992) foi decisivo na promoção da produtividade econômica no Brasil ao estabelecer o plano “mercado livre” (Lima, 2007). Foi nesse momento que os discursos em torno de ideias como empreendedorismo ganharam força no Brasil. Eleito a partir das promessas de modernidade e de superioridade do mercado em relação ao Estado, Collor deu continuidade ao processo de liberalização comercial e privatização das estatais (Bresser-Pereira, 2003). Nesse contexto, as igrejas passaram a se apropriar dos valores e conceitos neoliberais, como a busca pelo sucesso financeiro e pessoal, para atrair novos fiéis e consolidar sua presença no mercado religioso.

Posteriormente, conforme defendeu Andrade (2021), a ideologia neoliberal ganhou espaço para se consolidar no Brasil na medida que foi encarada como solução para a crise da dívida externa e da inflação descontrolada, com o objetivo de abrir a economia nacional e conectá-la aos mercados financeiros e comerciais mundiais. O Plano Real precisou estabilizar a moeda, então foi necessário atrair fluxos de capital financeiro para reforçar as reservas. Com isso, os discursos em torno da possibilidade de ser dono do próprio negócio e de prosperar no novo quadro econômico ficaram cada vez mais frequentes.

Esse cenário favoreceu o crescimento e a influência do transpentecostalismo, o qual valoriza o sucesso financeiro e material através do empreendedorismo. Assim, foi criado um ambiente propício para a emergência de uma nova vertente do protestantismo, que incentiva o consumo. Essa característica atraiu muitos fiéis transpentecostais, visto que enxergavam na igreja a possibilidade de prosperidade material. Nesse ínterim, havia todas as circunstâncias ideais para a ascensão de projetos que estivessem alinhados aos interesses da perspectiva econômica neoliberal.

As instituições religiosas transpentecostais se apresentam como uma alternativa ao modelo tradicional de religião, oferecendo uma espiritualidade mais próxima do cotidiano e uma promessa de sucesso material e financeiro para seus fiéis. Desse modo, a valorização do individualismo e do consumismo promovida pelo neoliberalismo favorece a atuação dessas igrejas, uma vez que se apresentam como capazes de proporcionar sucesso pessoal e material aos indivíduos que se propõem a seguir as diretrizes das agências religiosas as quais frequentam.

As igrejas transpentecostais têm ganhado espaço como atores econômicos relevantes, com forte presença no mercado de mercadorias e prestações religiosas. Isto abrange a comercialização de livros, mídias audiovisuais, produtos de beleza, e até alimentos. Além disso, elas têm colocado recursos em empresas e empreendimentos imobiliários, conferindo-lhes ainda mais capacidade econômica. Entretanto, a atuação dessas instituições no âmbito neoliberal vai muito além, visto que estimula os fiéis a se tornarem empreendedores, havendo - inclusive - dias de cultos voltados aos empresários e correntes específicas para levar a prosperidade para as empresas.

As igrejas transpentecostais no Brasil, portanto, são uma ilustração do impacto do neoliberalismo na religião. Elas têm incorporado valores e conceitos neoliberais, como a busca por sucesso financeiro e pessoal, atraindo novos seguidores e fortalecendo sua posição no mercado religioso. A mensagem primordial dessas igrejas, que enfatiza o empreendedorismo e a riqueza material, alinha-se às lógicas mercadológicas, fortalecendo a ideia de que o sucesso financeiro é equivalente à realização pessoal e espiritual.

De acordo com Toledo e Cazavechia (2021), o crescimento do capitalismo na América Latina, sob a perspectiva neoliberal, levou ao surgimento de igrejas eletrônicas baseadas na indústria de mídia, como é o caso das igrejas neopentecostais. Isso aumenta sua capacidade de engajar seus seguidores em torno de suas crenças e perpetuar uma cultura religiosa com fortes influências políticas. Isso porque há uma ampla rede de mídias que consegue contemplar um grande número de fiéis e captar as mais diversas linguagens dos diferentes contextos sociais.

Partindo para uma análise das características do movimento religioso, Anderson (2004) afirma que a fase do pentecostalismo que legitima uma faceta carismática é identificado pela sua focalização na conexão íntima com Deus, na devoção e nas curas milagrosas. Ele também é renomado pelo seu espírito ecumênico e pela sua habilidade de se ajustar a ambientes sociais e culturais diferentes. Adicionalmente, o transpentecostalismo tem chamado atenção por sua perspectiva positiva da vida, destacando o otimismo e a expectativa mesmo diante de

desafios. Desse modo, as características citadas tornam essa denominação religiosa de grande impacto, pois consegue adentrar nos mais diversos campos culturais no Brasil, seja de ordem econômica ou social. É sobre isso que se pretende discutir neste artigo, sobretudo no que se refere à promessa de prosperidade financeira, o discurso de guerra travada com o Diabo e a legitimidade discursiva promovida pelas histórias de vida inspiradoras.

## A PROMESSA DE PROSPERIDADE

A Teologia da Prosperidade é doutrina cristã que defende um conjunto de ensinamentos que destaca a conexão entre crença e riqueza material, propondo que o sucesso financeiro é uma dádiva de Deus e que a fé pode possibilitar superar pobreza e as mazelas terrenas. Embora esse conjunto de ensinamentos tenha sido disseminado por líderes religiosos evangélicos nos Estados Unidos a partir dos anos 50, essa maneira de pensar no meio religioso se tornou destaque nas igrejas neopentecostais brasileiras.

Conforme defende Bowler (2018), a Teologia da Prosperidade tem suas raízes no pensamento de líderes religiosos no final do século XIX, que associavam a riqueza material à virtude e à bênção divina e se consolidou com as igrejas pentecostais no contexto após a Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos. A historiadora argumenta que essa perspectiva teológica, a qual pode ser observada nas agências religiosas neopentecostais, converge nas ações dos líderes religiosos pentecostais, no Movimento Novo Pensamento, o qual representa crenças metafísicas que defendia o pensamento positivo no século XIX, assim como no “sonho americano” de prosperidade individual a partir de um discurso de meritocracia.

Nesse sentido, as bases para o florescimento da Teologia da Prosperidade nas igrejas neopentecostais brasileiras estão profundamente enraizadas na cultura americana. É natural a propagação de discursos que defendem a ideia de que <querer é poder> ou que <nada é impossível para Deus>, dentre outras expressões que apontam para um imaginário social de vias pautadas pela crença de que é possível melhorar de vida ou alcançar determinados objetivos. Dessa forma, há no Brasil um solo extremamente arado e promissor para que a Teologia da Prosperidade fosse inserida e consolidada na cultura religiosa.

Nesse sentido, o transpentecostalismo enxerga a prosperidade como uma bênção de Deus que pode ser conquistada por meio de práticas religiosas como o dízimo, ofertas e sacrifícios

financeiros. Desse modo, torna-se possível agregar crenças populares a um ethos religioso bem demarcado. Desse modo, torna-se possível agregar as crenças populares em um *ethos* religioso bem demarcado. Conforme pontua Bitun (2009), as igrejas neopentecostais disseminam discursos que rejeitam a possibilidade do indivíduo permanecer na pobreza e nos problemas ligados à saúde, elevando a instituição religiosa ao patamar de um lugar no qual é possível prosperar.

Essa perspectiva teológica evidencia plenamente a habilidade de almejar a posse da ‘herança divina’ por meio da aquisição, desfrute e gerenciamento de recursos materiais, de objetos tangíveis que representam uma ascensão social, riqueza e sucesso (Rodrigues, 2003). A busca incessante por bens, portanto, é legitimada pelo discurso de que o templo religioso possibilita a prosperidade na medida em que há o cumprimento de ações indicadas pela igreja que são colocadas como vontade divina, como é o caso da devolução do dízimo.

Segundo Quitério (2019), a desigualdade social no Brasil promove a abertura necessária para o ensinamento - por parte dos grupos religiosos - da teologia da prosperidade, uma vez que vende a ideia de que é possível resolver de maneira concreta problemas como doenças, fracassos, dores e insucesso. Dessa forma, o poder exercido sobre os fiéis para que frequentem a igreja e sigam a conduta apresentada pelos pastores emerge da promessa de bênçãos capazes de transformar suas vidas, sobretudo naquilo que representa um empecilho à prosperidade.

É muito evidente que essa perspectiva teológica é ancorada nas lógicas capitalistas vigentes, sobretudo no que se refere à política econômica neoliberal. Nessa perspectiva, há um estímulo ao consumo e à aquisição de bens materiais que representam quem um indivíduo é na sociedade. Nessa sociedade, o ser humano não é julgado apenas por quem é ou pelo que faz, mas também pelo que demonstra possuir. A prosperidade e a aquisição de bens, portanto, são incentivadas como forma de manter uma imagem de sucesso pessoal e social.

Esse cenário dialoga com as lógicas do sistema capitalista, uma vez que os discursos propagados nesse meio são de incentivo ao consumo religioso e à busca por bens materiais. Conforme pontua Coelho (2018), o discurso religioso é capaz de reforçar as estruturas do *status quo* do capitalismo, justificando as desigualdades sociais nele presentes. Por outro lado, o que é dito nesses espaços também pode conferir ao templo religioso uma maneira de obter mérito para ascensão no plano financeiro.

Durante sua análise econômica, o filósofo marxista francês Guy Debord (2003) intitulou de ‘Sociedade do Espetáculo’ o contexto social pautado demasiadamente nas imagens como forma de atender às demandas do mercado capitalista. Nessa perspectiva, o campo religioso neopentecostal é marcado por diversas formas de afirmação imagética, notoriamente produto do ato de consumir. A fé é legitimada a partir da capacidade que os fiéis têm de projetar a igreja como uma forma de ascender social e economicamente.

Dessa forma, o indivíduo que consegue alcançar os seus objetivos materiais e conta sua história através de um testemunho religioso é bem visto dentro das agências religiosas por contribuir com uma imagem muito valiosa para as lógicas do mercado religioso. A ação de relatar a experiência pessoal para compartilhar a noção de que o sucesso é possível através da igreja faz com que multiplique rapidamente o investimento de tempo e dinheiro nesses espaços.

O simples fato de estampar a imagem de que são locais de cura e ascensão material já se pode considerar como a espetacularização da religião, sobretudo na medida que os discursos religiosos das instituições neopentecostais são veiculados pelas mídias sociais. A sociedade do consumo na contemporaneidade valoriza bastante aquilo que aparece, pois há a impressão de que realmente é algo bom e confiável. Multiplicar os meios imagéticos nesta sociedade, portanto, é o alicerce para a expansão de um mercado religioso baseado na ideia de prosperidade.

No entanto, apesar de inúmeras pessoas passarem por dificuldades financeiras, jurídicas e de saúde, o que levaria elas a acreditarem que a igreja pode ser um espaço para romper com essas dificuldades e superá-las? Para responder a esse questionamento é preciso analisar o fio condutor da perspectiva de prosperidade como possibilidade concreta e atrativa para os fiéis: os testemunhos religiosos. Quando as pessoas ouvem rumores de que determinado produto pode atender a alguma demanda pessoal, é comum que elas busquem saber a opinião de pessoas que já experienciaram o produto ou serviço.

Para ficar mais evidente, imagine que uma pessoa deseja fazer uma viagem para fora do estado onde reside. Nesse sentido, precisaria de uma mala, de passagens aéreas ou terrestres e de um local para se hospedar. Se a pessoa ainda não tivesse uma mala apropriada, poderia comprar por meio de sites da *internet*. Inevitavelmente, durante sua busca, é muito provável que fosse investigar a confiabilidade do site, do produto o qual quer adquirir e da empresa ou pessoa física que está vendendo. Uma boa maneira de descobrir isso é através dos comentários de pessoas que já compraram o mesmo produto nessa mesma plataforma.

Caso muitas pessoas contassem uma boa experiência na compra, o grau de credibilidade e confiabilidade provavelmente seria maior, viabilizando que fechasse negócio. O mesmo aconteceria no momento de reservar a hospedagem em plataformas como o Airbnb, no qual possui uma gama de possibilidades de apartamentos e casas para serem alugadas por temporada. Nesse site é possível visualizar a opinião de outras pessoas que já se hospedaram em um determinado lugar.

O caso das igrejas que prometem prosperidade financeira e o êxito nas mais diversas questões pessoais não é diferente. As pessoas levam muito em consideração os testemunhos das pessoas que passaram a frequentar as agências religiosas por motivos específicos e que confirmam ter alcançado aquilo que almejavam através dessas instituições. É notório, portanto, que o sucesso da TP na aquisição e manutenção dos fiéis depende diretamente das experiências compartilhadas nos próprios templos religiosos, nos canais de televisão e nas mídias sociais.

As pessoas são induzidas pelas promessas as quais indicam a possibilidade de sair de uma situação negativa na qual vivenciam, caso sigam os passos recomendados pela Igreja. Todavia, é válido salientar que os fiéis não podem ser considerados vítimas indefesas que caem na armadilha (Salinas, 2017). Pensar dessa maneira seria totalmente reducionista, visto que a fé é intrínseca à subjetividade humana e consolida uma noção de verdade. Nessa perspectiva, os sujeitos históricos constroem a forma de enxergar o mundo baseado nas experiências e na imersão em uma determinada cultura, isto é, é apenas mais uma maneira de compreender a realidade e de realizar ações espontaneamente nesse sentido.

## HISTÓRIAS DE VIDAS INSPIRADORAS

Não é novidade que uma boa história de vida pode influenciar o modo de pensar e agir de uma pessoa. Basta lembrar dos inúmeros filmes que assistimos todos os dias e perceber que as narrativas felizes e até mesmo as tristes são capazes de nos impactar de alguma maneira. Em um mundo que as redes sociais tomaram conta das relações interpessoais, isso fica ainda mais evidente. É muito comum que os *digital influencers* exponham histórias de vida bem-sucedidas, indicando os possíveis caminhos para alcançar o mesmo sucesso e vendendo uma ideia ou produto considerado capaz de impactar aquele indivíduo que o acompanha.

É frequente o apreço e o estímulo aos testemunhos religiosos nas igrejas transpentecostais. Através dessas narrativas, torna-se possível mostrar aos demais fiéis que eles podem obter a prosperidade e solucionar os problemas pessoais por intermédio da instituição religiosa. Nesse sentido, é pouco provável que um membro da igreja se dirija ao altar para discursar que sua vida continua com os mesmos problemas, embora tenha seguido as orientações indicadas pelos pastores. Por outro lado, vários enunciados surgem no sentido de convencer as pessoas presentes que é possível alcançar o sucesso nesse espaço religioso.

Conforme apontam Almeida e Patriota (2019), as agências religiosas neopentecostais estão alicerçadas na capacidade persuasiva dos testemunhos religiosos, os quais permitem ao “fiel-ouvinte” a sensação de compatibilidade e inspiração, uma vez que são apresentadas vidas de êxito, mesmo após terem enfrentados problemas de diversas naturezas. Essas dificuldades podem, naturalmente, ser muito próximas daquelas enfrentadas por quem ouve o discurso. Dessa maneira, causa a impressão de que a perspectiva de sucesso deve ser uma meta e, para isso, é necessário seguir o passo a passo da vida exemplar exposta.

Casaqui (2015;2016) defende um conceito de suma relevância para pensar a temática em torno dos testemunhos religiosos nesse âmbito: a “Cultura da Inspiração”. Ele pontua que dentro da cultura religiosa a inspiração discursiva é intrínseca ao fenômeno religioso testemunhal, uma vez que isso gera a percepção de que o indivíduo faz - de fato - parte daquele contexto. Isso porque são questões colocadas por pessoas comuns que têm vivências muito semelhantes aos demais fiéis. Logo, se foi possível que o enunciador prosperasse, imediatamente torna-se natural que o ouvinte também pense que pode chegar no objetivo almejado.

Os discursos nesse sentido servem de motivação para que as pessoas permaneçam no ambiente religioso, posto que visualizam possíveis benefícios. As histórias de vida contadas pelas pessoas servem também de inspiração para que tomem as mesmas ações daqueles que atingiram a prosperidade por meio da Igreja. Nesse sentido, esses enunciados são capazes de moldar comportamentos, já que para atingirem o sucesso prometido pelas agências religiosas, é necessário seguir todas as recomendações. Desse modo, além de fazer com que as pessoas acreditem que podem crescer social e economicamente, também modificam o jeito de pensar e agir.

É possível refletir acerca dessa crença nos discursos a partir do conceito *Day Dream*<sup>2</sup> do sociólogo Colin Campbell (2001). Ele argumenta que o consumidor moderno, diante dos meios de comunicação em massa, passa a 'sonhar acordado' através dos signos que representam o produto material e/ou simbólico que almeja. Nessa perspectiva, os testemunhos religiosos nas igrejas neopentecostais estão alicerçados nessa ideia de uma sociedade consumista, uma vez que os indivíduos sentem a necessidade de aquisição de bens. O reforço da ideia de que pela via religiosa é possível a obtenção de riquezas é de suma importância para manter a vontade de estar nesses espaços.

No entanto, é de mister importância refletir sobre as razões pelas quais as pessoas se tornam entusiastas dos discursos de prosperidade nas agências religiosas transpentecostais. Essa é uma questão extremamente complexa, posto que envolve estruturas culturais, políticas e econômicas da sociedade hodierna. Na tentativa de explicar melhor como há a consolidação dessa ideia entre os fiéis, discutiremos quatro principais pilares. explicar melhor como há a consolidação dessa ideia entre os fiéis, serão discutidos quatro principais pilares: 1) A perspectiva das práticas culturais no sistema capitalista; 2) A natureza precária da vida; 3) O poder do discurso; 4) A apreensão dos signos.

Há mais de 120 anos, o sociólogo Max Weber já havia discutido sobre a relação entre o protestantismo e o sistema capitalista cada vez mais consolidado. Segundo Weber (2004), o 'espírito capitalista' gira em torno de uma racionalização do capital, fundamentada em valores morais e religiosos. A busca por riquezas, portanto, não deve ser considerada pecado, uma vez que faz parte do projeto divino para a ascensão material individual, ou seja, ao defender a ideia de vocação e de enxergar o trabalho como um dever, a religião protestante sustenta a concepção primordial do capitalismo - o lucro.

Boltanski e Chiapello (2007), na obra *The New Spirit of Capitalism*, percebem uma nova forma de organização do 'espírito do capitalismo' na contemporaneidade, o qual é imbricado em diversas crenças que corroboram para sustentar a estrutura capitalista. Variadas são as formas de consolidar culturalmente o capitalismo através das instituições religiosas, visto que são capazes de educar as pessoas para pensarem de uma determinada forma, fazendo com que acreditem que necessitam seguir condutas ou reproduzir ações pertinentes dentro das lógicas do *status quo*.

---

2 No contexto transpentecostal, liga-se bastante com a perspectiva da Cultura da Inspiração, posto que a inspiração aos fiéis de materialidade discursiva - presente nos valorizados testemunhos religiosos - está alicerçada nesse universo religioso.

É possível questionar até que ponto o indivíduo tem autonomia na sua maneira de enxergar o mundo. Conforme pontos Castoriadis (1992), a autonomia é a capacidade que um indivíduo tem de falar por si mesmo, elaborando o próprio discurso e não meramente reproduzindo o que foi socialmente posto pelos instituintes. De modo geral, não é possível haver uma concepção autônoma totalmente própria no campo individual, sendo imprescindível um imaginário coletivo como consideração do real. Esse modo de pensar salienta que há um cordão umbilical entre instituintes e instituídos que dificulta o reconhecimento do processo de morte de uma determinada instituição.

Nessa perspectiva, a formação de pensamento das pessoas é mediada e sistematicamente controlada pelas instituições. Assim como uma escola que deve seguir um currículo definido nacionalmente, o qual orienta o modelo de cidadão desejado em uma determinada sociedade, bem como apresenta normas a serem seguidas pelos instituintes para moldá-los conforme se acha necessário, as igrejas também têm mecanismos de controle. A influência exercida sobre os fiéis pelas instituições religiosas, no universo contemporâneo e à luz da Teologia da Prosperidade, é responsável por formar um imaginário social que legitima a cultura capitalista.

As igrejas neopentecostais promovem a crença na possibilidade de prosperidade material para os fiéis, legitimada pela TP, independentemente das divisões e abismos sociais notoriamente presentes na sociedade brasileira. A mensagem disseminada é que por meio da igreja é viável o acúmulo de riquezas, alimentando o desejo das pessoas em concretizar esse processo. Assim, uma cultura é estabelecida, legitimando a crença e o comportamento em conformidade com os princípios capitalistas. Conforme apontado por Torres (2007), a expansão do neopentecostalismo nas últimas décadas está inserida em uma dinâmica cultural moldada pela acumulação de capital na periferia ocidental, fortalecendo as hierarquias que justificam as desigualdades sociais desses contextos.

Nesse contexto, emerge a percepção da fé fundamentada na ideia de consumo, por meio de promessas e estímulos para alcançar a prosperidade material e os prazeres terrenos. A cultura, portanto, dialoga diretamente com o sistema econômico na qual é desenvolvida. No universo religioso, há o reforço de práticas que ratificam a ideia de que é necessário buscar bens, a fim de alcançar um padrão de vida considerado de bem-estar e de demonstrar que tem um poder de compra que permite ter certo prestígio social.

Isso acontece, de certa maneira, pelo fato das pessoas serem enquadradas em rótulos por aquilo que possuem dentro do capitalismo. Ademais, é necessário se submeter às lógicas desse sistema econômico para manutenção de uma vida sem maiores dificuldades. As pessoas são julgadas por aquilo que possuem em termos de bens materiais, ou seja, os parâmetros morais e institucionais acabam sendo moldados por raízes culturais que são imbricadas nos interesses em torno do capital.

Conforme pontua Butler (2015), as produções de enquadramento social dependem diretamente de como percebemos afetivamente as vidas. Nesse sentido, a vida é como um quadro que possui uma moldura na qual enquadra a obra. A forma como apreendemos e enxergamos o mundo, bem como a maneira pela qual enquadrados as vidas, são politicamente pautadas nas experiências que impactam os indivíduos, isto é, são por si só operações de poder. Desse modo, as pessoas são enquadradas em valores morais e em ideologias que as orientam a todo instante, sobretudo quando submetidas ao processo de educação formal e/ou informal, quando há a formação dos sujeitos.

Entretanto, na medida em que há o rompimento dos enquadramentos, surgem outras possibilidades de apreensão. É por essa razão que quando uma pessoa deixa de usar drogas ou de ingerir bebidas alcoólicas e passa a frequentar a igreja passa a enxergar e ser enxergada de uma outra maneira. Deve-se atentar, no entanto, que há todo um processo de condução para criar um novo rótulo sob o indivíduo. As igrejas transpentecostais investem na veiculação midiática dos testemunhos religiosos, pois são capazes de legitimar um discurso em torno de ideias antagônicas.

A todo instante, são legitimadas imagens com noções totalmente contrárias: céu e inferno; pobreza e riqueza; Deus e Diabo; pecado e salvação; doença e cura; bem e mal etc. Comumente, há essa associação de contraditórios, nos quais não possuem meio termo, são realizadas dentro das igrejas neopentecostais. Essa é uma forma de realizar uma associação imagética de ações consideradas corretas, a fim de convencer que apenas serão alcançadas por intermédio dessas instituições. Logo, há uma sistemática organização para que os enquadramentos sejam realizados de modo internalizado, isto é, para que faça a pessoa acreditar que fora da igreja é um caminho oposto ao rótulo que deve ser almejado socialmente.

Ademais, toda vida é por natureza precária, uma vez que sua manutenção depende diretamente das condições sociais e políticas nas quais está inserida, bem como é mediada por normatizações (Butler, 2015). Partindo desse pressuposto, as pessoas acabam sentindo a

necessidade de serem institucionalmente amparadas. Quando entram em contato com histórias de pessoas que atingiram a prosperidade, elas sentem que ali podem garantir que viverão dentro das condições que necessitam.

O fato é que as pessoas não têm, muitas vezes, o poder de garantir a vida, uma vez que dependem diretamente se vão conseguir um emprego, se terão acesso a um bom acompanhamento médico para se manterem saudáveis etc. Essa precariedade intrínseca ao *status quo* faz com que as vidas inspiradoras testemunhadas a todo instante tenham ainda mais credibilidade entre os fiéis. Isso porque eles têm que acreditar que há algum tipo de amparo, nem que seja através das instituições religiosas, sobretudo quando o Estado é omissivo e não garante boas condições necessárias para uma vida plena.

Outro pilar que justifica a notória aderência das histórias de vida exemplares narradas nas igrejas neopentecostais é o poder exercido pelo discurso. Sobre a influência dos enunciados, Foucault (2012) demonstra que há um controle sistemático do discurso, inclusive para permitir a sua circulação em um determinado espaço, instituindo valores e verdades de um grupo social. Nesse sentido, é possível afirmar o exercício de poder através do discurso, uma vez que apresenta elementos de ordem classificatória, hierárquica e comparativa, os quais fomentam a produção de uma individualidade discursiva.

Os enunciados proferidos nas igrejas são capazes de delimitar a concepção de certo e errado, bem como a ideia de fracasso e sucesso. A partir disso, produz um regime de verdade institucional, no qual faz o indivíduo compreender que atingir determinado objetivo é necessário, mas apesar possível quando cumpridos todos os requisitos e recomendações da igreja. Quando um pastor ou um fiel constroem a narrativa de que para obter a cura de uma determinada doença é necessário - além de frequentar a igreja - participar de uma corrente<sup>3</sup>, na qual o indivíduo contribui financeiramente, há um efeito muito eficaz naquele que ouve o discurso, pois o que é dito nesses espaços é considerado uma verdade legitimada por pessoas do mesmo lugar de fala.

Os discursos selecionados têm direta relação com as dores das pessoas que ouvem diariamente esses enunciados. Por outro lado, são intencionalmente selecionados para passar na igreja aqueles testemunhos que representam o sucesso pelo caminho que a agência religiosa

---

3 Correntes são como iniciativas temáticas em que os seguidores se envolvem para obter algum tipo de bênção divina por meio de sua participação, como um ato de fé. Nessa situação específica, trata-se de uma corrente para se livrar de algo que está mantendo o fiel "aprisionado".

deseja que o fiel siga. Não são quaisquer palavras, portanto, que são permitidas dentro da igreja. É pouco provável que se veicule nos meios de comunicação e haja a permissão para discursar na igreja alguém que tenha seguido todas as orientações dos pastores, frequentando cotidianamente, que realizou a devolução do dízimo e ainda assim não tenha obtido sucesso.

Na obra *Microfísica do Poder*, o filósofo Michel Foucault direcionou sua pesquisa a partir de duas palavras: poder e saber. A partir da obra ‘História da Loucura’, escolheu tratar da prática psiquiátrica, visto que está ligada a uma série de instituições que influenciam as estruturas de uma sociedade. Nesse sentido, Foucault (2010) chega a conclusão de que existe uma construção do que se entende sobre loucura que é legitimada pelo saber. Por muito tempo, a prática médica considerou como louco muitas pessoas que hoje já não seriam mais enquadrados nessa nomenclatura.

A grande questão gira em torno de visualizar historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior dos discursos, nos quais não podem ser considerados em si verdadeiros nem falsos (Foucault, 2010). A noção de repressão não consegue abarcar o universo produtor do poder, mas o poder não pode ser visto meramente como uma autoridade que diz não, posto que está presente em todas as esferas da vida cotidiana.

Nessa perspectiva, no universo do cristianismo é possível observar uma lógica semelhante. Aquele que detém o saber bíblico utiliza esse fato como força discursiva para prover um altar imagético hierarquizado entre o líder religioso e o fiel. Desse modo, a escritura sagrada é considerada uma verdade a ser seguida e a interpretação teológica cuja denominação religiosa defende deve ser levada em consideração. Logo, cria-se mecanismos de controle por meio dos discursos que inspiram os indivíduos que os ouvem e que os fazem acreditar em histórias consideradas exemplares.

Essas teias de poderes estabelecidas dentro das instituições religiosas são responsáveis por mais um enquadramento social, visto que aquilo que é proferido pelos fiéis testemunhantes e pelos pastores é automaticamente considerado um enunciado verdadeiro e significativo. Caso a pessoa esteja fora daquilo que é apresentado, deve interpretar o relato pessoal como indicador do caminho que dele trilhar para obter o êxito, pois se estabelece uma noção do que é ou não considerado uma boa conduta ou uma vida de sucesso e prosperidade.

Conforme pontuam Almeida e Patriota (2019), os testemunhos religiosos proferidos em agências religiosas neopentecostais têm capacidade persuasiva, uma vez que desempenham

uma força retórica na qual há estímulos a desejos respaldados na convincente geração e inspiração de crenças. Nesse ínterim, o ambiente religioso passa também a ser um local de vontades as quais são ratificadas a todo momento pelo discursos em pleno exercício de poder.

Por outro lado, é preciso salientar que a apreensão dos signos é um outro fator que corrobora para explicar o entusiasmo das pessoas mediante aos discursos de ascensão material nas igrejas. A pluralidade dos signos que permite a diversidade de interpretações e de deciframentos, sendo necessário, portanto, estar sensível aos signos para entender as coisas (Deleuze, 2003). Os signos não devem ser interpretados apenas enquanto representações de um significado estático, mas como entidades dinâmicas que possuem uma autonomia própria. Desse modo, a maneira de decifrar os signos é alterada na medida que há novas experiências.

No caso das instituições religiosas, o contato com as histórias exemplares produz efeitos diversos, sendo possível destacar novas apreensões e, por consequência, a ressignificação dos signos e da maneira de enxergar o mundo. Os significados (re)produzidos em torno das narrativas de progresso financeiro dialogam com a trajetória de vida pessoal das pessoas, bem como com os valores e os signos nos quais elas compreendem através da linguagem. No entanto, é válido salientar que esses elementos são limitados a estabelecer uma ligação direta com a coisa nomeada, uma vez que impactam diretamente o valor semântico dos contextos associados.

A palavra testemunho, por exemplo, no âmbito da Igreja, deve se relacionar com o termo religião. Se a compreensão sobre religião se modifica, certamente haverá outra noção acerca dos testemunhos religiosos. Quando uma história de vida considerada exemplar é proferida na agência religiosa, mediante a vários entendimentos de ordem teológica defendidos pelo pastor e embasados em preceitos bíblicos, o grau de aceitação é potencializado, pois o signo acerca da ascensão material é sustentado pelos discursos indutores da Teologia da Prosperidade.

## A PERSONIFICAÇÃO DO DIABO

No processo de expansão e consolidação do cristianismo, houve o estabelecimento de um imaginário social em torno da figura do Diabo, com o objetivo de enquadrar outras culturas como associadas ao mal (Marcelino, 2016). Nesse contexto, houve a introdução de signos dentro do universo religioso que culminaram em normas e valores morais taxativos, os quais estabelecem uma clara dicotomia entre o bem e o mal. A grande questão é que há a

naturalização de que a crença de um grupo social deve ser estendida à classificação de pessoas que pensam de maneira divergente, ou seja, a cultura fora da perspectiva cristã é deslegitimada e vinculada a elementos malignos, inclusive o Diabo.

Essa figura, recorrente nas narrativas cristãs, é, assim como a imagem de Deus, uma construção cultural. Por essa razão, as instituições religiosas tendem a personificar o Diabo nas drogas, na atuação política da esquerda - quando convém politicamente -, no álcool, nos orixás ou quaisquer outros símbolos que são considerados como inimigos pelos líderes das igrejas. Desse modo, os discursos proferidos nesses espaços demarcam a construção de uma cultura que delimita o que deve ser demonizado. Esses enunciados são facilmente identificados em meios de comunicação oficiais dessas agências religiosas e nos testemunhos proferidos nesses espaços.

Segundo Marcelino (2016), durante o período da Idade Média, a Igreja estabeleceu uma delimitação imagética do mal que deveria ser combatido, ressaltando as práticas que eram consideradas heresias, as mulheres taxadas como bruxas, os demônios e o próprio Lúcifer. De modo geral, rejeitava-se tudo aquilo que fosse de encontro às ideias estabelecidas pela Igreja Católica. Na História das instituições religiosas cristãs, o diferente muitas vezes não foi tolerado. A consolidação de uma entidade que representa o maior mal possível é pertinente na medida que possibilita enquadramentos de condutas que percorrem o imaginário social.

O ponto chave para compreender o impacto dessa figura, de certo modo, religiosa, reside no entendimento de que é necessário expandir a fé àqueles que ainda não compreenderam o verdadeiro caminho da “salvação” e os valores conferidos por uma determinada religião. Desse modo, utiliza-se a demonização para estabelecer um regime de verdade, composto por um grupo que já faz parte da instituição religiosa e, portanto, considera-se em um caminho legitimado, enquanto os indivíduos não pertencentes a esse contexto são vinculados à negatividade e à condutas a serem combatidas.

Conforme defende Almeida (2004), as sociedades medievais e a renascentista foram marcadas pelo generalizado medo do Diabo e do inferno, bem como pelos elementos supersticiosos e sobrenaturais. Na medida em que essa noção religiosa foi confrontada com o racionalismo do renascimento e, posteriormente, com os iluministas, essa figura passou a ser interpretada como reflexo das paixões e dos vícios dos seres humanos por parte das pessoas.

Nesse sentido, há o início do questionamento do porquê determinadas atitudes devem ser consideradas erradas ou pecaminosas fora das lógicas cristãs e também passa a haver uma maior desconfiança das associações ao Diabo.

Durante o século XX, a imagem dessa figura religiosa passa a ser alvo das lógicas de consumo da sociedade pós-moderna. No campo artístico, a indústria cultural passou a incorporar e dar novos significados ao Diabo, inclusive em produções de Hollywood e das bandas de Heavy Metal (Almeida, 2004). A entidade passa a ser apresentada de diferentes maneiras, desde monstruoso até interpretado como divertido ou persuasivo. Isso porque na sociedade do consumo o importante é transformar ideias e símbolos em mercadorias a serem consumidas, ou seja, formular enunciados que sejam atrativos para o ato de consumir dentro do contexto capitalista.

Por outro lado, Magalhães e Brandão (2012) postulam que o protagonismo do Diabo se deu a partir do domínio cultural cristão no ocidente e a literatura foi responsável por dar novos significados a essa figura de modo a forjar um imaginário social mais amplo e, por vezes, ambíguo. A característica polissêmica da palavra reside no fato de que essa criatura é representada de várias maneiras: séria; grotesca; assustadora; mal; profana; cômico etc. No campo literário e artístico, o que mais faz as pessoas se identificarem é quando incorporadas as características e vontades humanas comuns ao personagem.

Na vertente religiosa neopentecostal, o Diabo é incorporado à perspectiva da Teologia da Prosperidade, de modo que os discursos nas igrejas legitimam a noção de que a experiência de vida não exitosa dos fiéis se deve ao fato da influência dessa entidade e, inclusive, é colocado como responsável pela falta de devolução do dízimo (Souza; Abumanssur e Júnior, 2019). Nesse contexto, outras expressões religiosas, formas diferentes de expressões econômicas, culturais e sociais são combatidas em nome da representação imagética da demonização.

As instituições religiosas defendem que para a obtenção de curas e ascensão material é necessário cumprir à risca os preceitos morais indicados pelas lideranças das igrejas e reforcem o dever em fazer a devolução do dízimo em nome da obra. Apenas essas circunstâncias são colocadas como o melhor caminho para melhoria dos aspectos mundanos. Desse modo, tudo que não esteja dentro dessa lógica de pensar é demonizado, havendo uma construção imagética em torno da figura do Satanás, o qual passa a ser considerado como responsável por todas as mazelas dos indivíduos.

## HISTORICIZAÇÃO E PANORAMA SOCIOCULTURAL DO TRANSPENTECOSTALISMO NO BRASIL

A demonização de todos os grupos religiosos opostos ao Cristianismo dá início a um período de pedagogia do Medo, o demônio que era caricato passa a ser um inimigo com uma face, o rosto das comunidades que mantinham seus ritos tradicionais, que não haviam sucumbido ao Cristianismo; estes eram aliados do diabo e estariam no mundo unicamente para ajudar Satã em sua luta constante contra a Igreja (Marcelino, 2016, p. 38).

Essa concepção é imbricada ao cristianismo desde sua institucionalização na Europa medieval, de maneira que se cria uma barreira a partir da crença e do medo. O caça às bruxas em uma perspectiva moderna reside na forma que se conduz o discurso, uma vez que se ameaça retirar o que há de mais valioso na sociedade cujo ato de consumir é essencial: a prosperidade material. A instabilidade emocional, financeira, de saúde e todos os infortúnios são terceirizados, retirando a responsabilidade plena do indivíduo e do contexto social e atribuindo a uma entidade.

A face maléfica e influente do Diabo é por diversas vezes relacionada à personificação de orixás e de elementos das religiões de matrizes africanas nas igrejas neopentecostais (Souza; Abumanssur e Júnior, 2019). É válido salientar que essa associação acaba por reforçar pensamentos e ações preconceituosas, uma vez que - em perspectiva maniqueísta - se coloca o credo religioso de origem afro-brasileira como negativo e responsável pelas infelicidades terrenas. Desse modo, a instrumentalização da imagem do Diabo demonstra que os usos variam conforme objetivos políticos, religiosos, ideológicos e econômicos.

Conforme pontua Duarte (2019), o líder da Igreja Universal do Reino de Deus - Edir Macedo - considera os orixás, pretos velhos e erês como demônios ou ao menos intermediários destas entidades, ao passo que a IURD é colocada por ele como o lugar certo para combatê-los. Nesse sentido, cria-se um campo discursivo consolidado a partir das dores dos fiéis que frequentam as agências religiosas neopentecostais. Os enunciados criam categorias antagônicas entre os que estão fadados ao fracasso pela influência do Satanás e aqueles que obtêm prosperidade e se livram das amarras do Diabo.

O fato é que os indivíduos possuem uma cultura, particularmente religiosa, diferente desse grupo é considerado negativo e até mesmo passível de combate, já que se atribui como origem das mazelas. No entanto, é preciso compreender a dimensão de discursos dessa natureza,

uma vez que têm impactos sociais incomensuráveis. Quando se imagina alguém que está passando por dificuldades de ordem financeira ou de saúde, por exemplo, há uma natural fragilidade emocional.

Desse modo, hipoteticamente, quando um pastor divulga a ideia de que os problemas são relacionados a sua vivência, pois a religião que professa é posta como causadora de seus problemas, há uma força enunciativa indiscutível. É possível que o indivíduo passe questionar a si mesmo sobre a própria crença, sobretudo quando entra em contato com testemunhos de pessoas que professavam aquela religião, que estavam passando por dificuldades e a igreja que adentrou fez um processo de “exorcismo”, o qual permitiu a prosperidade através dessa instituição.

A precariedade da vida é inegável. Logo, é incomensurável o número de pessoas que passam por dificuldades de variadas naturezas, sobretudo grupos sociais historicamente mais vulneráveis. Desse modo, culpabilizar uma entidade pela situação e propor um caminho de ascensão material e/ou espiritual denota uma razoabilidade de aceitação discursiva por parte daquele que vivencia uma situação adversa. É válido salientar que “a guerra espiritual contra o diabo e seu séquito infernal ganha dimensão maior à medida que são vistos como os portadores de todas as mazelas sofridas pelo homem” (Duarte, 2019, p. 287).

Por outro lado, é de mister importância ressaltar que a figura do Diabo é utilizada para demarcar noções acerca da conduta dos fiéis e até mesmo realizar o enquadramento em torno da sexualidade. Nesse sentido, segundo Kreher e Guareschi (2017), as relações homoafetivas nos espaços neopentecostais são corriqueiramente taxadas como promiscuidade, perversão e vulgaridades, sendo associadas ao mal e à Satanás. As agências religiosas, portanto, enquadram como uma conduta errônea que pode ser “consertada” nesses espaços.

A força motriz dessas ações é apoiada em ideologias conservadoras que pairam nos ambientes religiosos em questão. Entretanto, esse enquadramento no qual cria imagetivamente a noção de certo e errado, bem como de sagrado e profano em torno da sexualidade apenas reforça estereótipos sociais e delimita como única verdade a orientação heteronormativa. Dessa forma, consolida-se uma ideia de padrão aceitável nas concepções sobre gênero e sexualidade, o que reverbera na perpetuação dos estigmas associados às minorias historicamente marginalizadas.

Além disso, vale mencionar que esse não é um caso isolado. A institucionalização dos demônios com o fito de delimitar condutas que são consideradas desviantes da moral cristã faz com que haja um maior impacto enunciativo sobre os fiéis. A utilização discursiva é por um lado motivada por fatores econômicos e por outro por perspectivas ideológicas. Nesse contexto, torna-se possível “demonizar” desde o consumo de bebidas alcoólicas, a utilização de drogas ilícitas até práticas religiosas ligadas à religiões de matrizes africanas ou o espiritismo.

Nos livros escritos por Edir Macedo, fundador e bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, é possível perceber a tentativa de materializar e tornar o mal mais concreto, apresentando a igreja e os meios de comunicação os quais veiculam os cultos religiosos como fundamentais para a luta contra o Diabo, entidade na qual é colocada como responsável pela maldade, desemprego, violência, brigas, separações de casais e outras mazelas (Souza, 2000). Dessa maneira, ele constrói discursos moralizantes acerca de práticas consideradas desviantes do que é defendido na perspectiva neopentecostal da Bíblia, bem como coloca elementos de outras religiões, os quais considera como frutos dos demônios e das ações do Diabo.

Neste livro, denuncia as manobras satânicas através do kardecismo, da umbanda, do candomblé e outras seitas similares; coloca a descoberto as verdadeiras intenções dos demônios que se fazem passar por orixás, exus, erês, e ensina a fórmula para que a pessoa se liberte do seu domínio. Creio ser impossível a um praticante do espiritismo ler este livro e continuar na sua prática. Acredito também ser difícil a um cristão ler este livro e continuar a professar uma fé descuidada e estagnada (Macedo, 1993, p. 3).

O trecho acima foi retirado da obra “Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?”, escrita por Edir Macedo. Logo no prefácio, apresenta-se a proposta do livro, na qual fica evidente a perspectiva estática, classificatória e até mesmo intolerante. O discurso é construído por meio da vinculação entre as religiões de matrizes africanas, como candomblé e umbanda, e o espiritismo à figura do Satã. O autor ainda parte do pressuposto de que sua obra representa a única verdade religiosa e, portanto, uma vez que o leitor entrasse em contato com a obra automaticamente não seria mais espírita.

Como existe um público muito bem demarcado para ler a obra produzida pelo líder religioso da IURD, o repúdio ao que o Diabo representa parece ser uma premissa deduzida pelo escritor com relação aos leitores. Por essa razão, há uma tentativa ao longo de toda a obra de vincular a essa entidade, a fim de deslegitimar os outros credos religiosos. Ademais, o contato com essas manifestações religiosas é colocado como problemático para as pessoas, posto que seriam capazes de influenciar negativamente no âmbito pessoal, profissional, financeiro e de saúde. É nesse momento que delimita a força enunciativa acerca da concepção de que a igreja é capaz de salvar das amarras de Satanás e levar o fiel à prosperidade.

É possível perceber que a construção imagética do Diabo é variável mediante ao contexto e interesse daquele que delimita o discurso. A personificação dessa figura religiosa é colocada à disposição das instituições religiosas desde representações medievais. No entanto, é notório a ressignificação com as demandas de uma modernidade na qual ideias são vendidas por meio de imagens e isso influencia o universo cultural, artístico e, evidentemente, religioso. As agências religiosas neopentecostais, nesse sentido, vêm utilizando a vinculação imagética às culturas diferentes para que sejam demonizadas, ao passo que se colocam como libertadoras das amarras da entidade, a qual materializa o mal.

Em pesquisa etnográfica, realizada no dia 22 de abril de 2019 na Igreja Universal do Reino de Deus do Recife<sup>4</sup>, no culto das 21 horas, o pastor que celebrava o culto afirmou que o Diabo é o verdadeiro responsável pelo fracasso das pessoas, visto que atua com forças negativas suficientemente capazes de levar a vida de qualquer indivíduo a ruínas. Já em outro culto, realizado no dia 06 de maio de 2019, na mesma agência religiosa, o pastor culpou o Diabo pelo que chamou de “escravização na dívida”. Desse modo, atribuiu o fato de haver um descontrole financeiro a essa entidade como definidora da vida das pessoas que não estão seguindo os ensinamentos da igreja.

A partir dessa experiência, é possível perceber que não é necessário assistir cultos religiosos em canais de televisão para ver relatos de pessoas que atribuem o fracasso material ou espiritual ao Diabo nessas instituições. O relato retirado da observação participante aponta que o discurso neopentecostal tende a se fundamentar na noção que determinadas práticas atraem uma entidade negativa, na qual é capaz de influenciar ao ponto de barrar a prosperidade de um indivíduo. Em contraponto, a construção discursiva não é gratuita, posto que no final se converge para enunciação da igreja como instrumento para afastar o mal e levar à prosperidade.

4 Instituição localizada na Avenida Cruz Cabugá, onde há várias outras agências religiosas. Essa igreja, especificamente, é considerada a igreja matriz da IURD no município de Recife.

No culto do dia 22 de abril, logo após o discurso do pastor, um testemunho religioso foi reproduzido para os fiéis. Um homem, entre 24 e 27 anos, afirmou que deu 1.100 reais de dízimo para a Igreja e que junto ao pacto conseguiu prosperar e virou empreendedor. O pacto no qual o fiel se referiu se trata de um discurso bastante difundido na IURD que evidencia a importância de ter uma boa frequência na igreja, para assim conseguir se ligar a ela. Dessa maneira, pode-se perceber que o enunciado exibido aos fiéis logo após a fala do pastor sobre os perigos do Diabo tem a intenção de construir a imagem da urgência de estar próximo à igreja para prosperar, inclusive realizando a devolução do dízimo indicada.

Essa narrativa comumente construída nessa agência religiosa pode ser enquadrada na perspectiva da Batalha Espiritual. Conforme defende Mariano (2003), esse conceito deriva do entrave hierárquico entre Deus e o Diabo e, para além disso, resulta na luta contra os demônios, nos quais possuem poderes quase ilimitados e influenciam diretamente a vida dos fiéis. Nesse contexto, o mal não é reduzido ao desvio da conduta cristã, visto que abrangem doenças, brigas familiares, desemprego, alcoolismo, quadro depressivo e outras mazelas associadas ao Diabo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi discutido sobre as características e usos discursivos do neopentecostalismo, é perceptível que o panorama evidenciado nas igrejas transpentecostais gira em torno de, *a priori*, identificar as facetas do mal através da igreja para poder combatê-las. Esse cenário de guerra espiritual também abrange os discursos classificatórios anteriormente abordados, os quais foram realizados com o intuito de demonizar entidades ligadas às religiões de matrizes africanas e ao espiritismo. A preocupação deste movimento aumenta na medida que esse confronto sai do plano espiritual das igrejas e passa a formar um conjunto de ações ofensivas contra as pessoas que professam essas religiões historicamente marginalizadas.

Portanto, ultrapassa-se os limites da crença quando o objetivo dos líderes e fiéis neopentecostais passa a ser disseminar o ódio e fechar templos de outras religiões. Ironicamente, vale a pena salientar que as práticas combatidas são em grande medida incorporadas. A batalha espiritual também passa por sessões de “desposseção” ou “descarrego” no âmbito da IURD e de outras agências da mesma vertente religiosa, uma vez que vende a ideia de tirar os demônios que estão tomando negativamente as rédeas da vida das pessoas.

No espiritismo, por exemplo, existe a noção de espíritos obsessores que influenciam negativamente as vidas dos indivíduos, conferindo a possibilidade de uma ajuda mediúcnica para intervir e livrá-los dessa influência. As palavras de Edir Macedo, líder da IURD, as quais foram analisadas anteriormente, demonstram a caracterização do espiritismo como religião inimiga por representar elementos correspondentes às ações demoníacas. Por outro lado, utiliza-se de ritos espiritualistas muito semelhantes para configurar como a batalha da igreja contra o mal. Sob essa análise, percebe-se que as bênçãos são prometidas a partir do embate direto contra as forças do mal, as quais são taxadas como desde a ausência de prosperidade até o culto a outras religiões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Samuel Pablo Costa de; PATRIOTA, Karla Regina Macena Pereira. A Capacidade Persuasória dos Testemunhos Religiosos. Belém, *Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2019.

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. Do terror ao entretenimento: a evolução da figura do Diabo na sociedade pós-moderna. *Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar*, Maringá, n. 5, 2004.

ANDERSON, Allan. *An Introduction to Pentecostalism: Global Charismatic Christianity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ANDRADE, Daniel Pereira. *Neoliberalismo e Guerra ao Inimigo Interno: da Nova República à virada autoritária no Brasil*. Caderno CRH, v. 34, p.1-34, 2021.

BITUN, Ricardo. Igreja Mundial do Poder de Deus Rupturas e Continuidades no Movimento Pentecostal. *Revista Estudos de Religião*, v. 23, n. 36, p. 61-79, 2009.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. *The New Spirit of Capitalism*. London: Verso, 2007.

BOWLER, Kate. *Blessed: A History of the American Prosperity Gospel*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

## HISTORICIZAÇÃO E PANORAMA SOCIOCULTURAL DO TRANSPENTECOSTALISMO NO BRASIL

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *Desenvolvimento e Crise no Brasil: história, economia e política de Vargas a Lula*. São Paulo: Editora 34, 2003.

CAMPBELL, Colin. *A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CASAQUI, Vander. *Apontamentos para o Estudo da Cultura da Inspiração: Produção de Narrativas e o Ideário da Sociedade Empreendedora*. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Consumo: Cultura Empreendedora e Espaço Biográfico, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, 2015.

\_\_\_\_\_. *A Inspiração como Forma Comunicacional do Capitalismo “Cool”*. Trabalho apresentado no GP Publicidade e Propaganda do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo, 2016.

CASTORIADIS, Cornelius. *As Encruzilhadas do Labirinto, III: o mundo fragmentado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

COELHO, Allan da Silva. Possibilidades de abordagem da relação “capitalismo e religião”. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, v. 9, nº 2, p. 219-240, 2018.

DEBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo*. Livro Virtual do Projeto Periferia, 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. 2.ed. trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DUARTE, Marcello Felipe. A Teologia da Prosperidade e as representações acerca do Diabo no Neopentecostalismo da Igreja Universal do Reino de Deus: uma conexão necessária. *Religare*, v.16, n.1, p.282-305, 2019.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução e organização Roberto Machado. 28. ed. São Paulo: Graal, 2010.

KREHER, Rodrigo; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Ou caminha com Deus ou dança com o Diabo: igrejas neopentecostais e o dispositivo da sexualidade. *Revista Desejos*, n. 17, p. 23-34, 2017.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. “Trabalho”, “mudança de vida” e “prosperidade” entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 27(1), p. 132-155, 2007.

MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?*. Rio de Janeiro: Universal, 1993.

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo; BRANDÃO, Eli. O Diabo na Arte e no Imaginário Ocidental. In: MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo, et al. (org). *O demoníaco na literatura*. Campina Grande: EDUEPB, p. 277-290, 2012.

MARCELINO, João Gabriel Carvalho. *O Mal no Imaginário Social: a instituição da imagem do Diabo*. Revista Científica da FASETE, p. 34-41, 2016.

MARIANO, Ricardo. Guerra Espiritual: o protagonismo do Diabo nos cultos neopentecostais. *Debates do NER*, Porto Alegre, n. 4, p. 21-34, 2003.

PEREIRA, Potyara Amazoneida. Utopias desenvolvimentistas e política social no Brasil. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 112, p. 729-753, 2012.

QUITÉRIO, Moyses Naftali Leal. Uma Releitura da Teologia da Prosperidade no Pentecostalismo: contribuições sociais positivas de um ensino teológico. *Diversidade Religiosa*, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 73-93, 2019.

RODRIGUES, Kleber. *Teologia da Prosperidade, sagrado e mercado: Um estudo sobre a Igreja Universal do Reino de Deus em Caruaru – PE*. São Paulo: edições ABHR: Edições FAFICA – Coleção Religião e Academia, 2003.

SALINAS, Daniel (ed.). *Prosperity Theology and the Gospel: Good News or Bad News for the Poor?*. Peabody, MA: Hendrickson, p. 66-76, 2017.

SOUZA, André Ricardo de; ABUMANSUR, Edin Sued; JÚNIOR, Jorge Leite. Percursos do Diabo e seus papéis nas igrejas neopentecostais. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, n. 53, p. 385-410, 2019.

## HISTORICIZAÇÃO E PANORAMA SOCIOCULTURAL DO TRANSPENTECOSTALISMO NO BRASIL

SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski. *A Imagem do Diabo nos Livros de Edir Macedo da Igreja Universal do Reino de Deus*. Dissertação de Mestrado em História do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná - UFPR, Paraná, 2000.

TOLEDO, Cézár de Alencar Arnaut de; CAZAVECHIA, William Robson. As Formas de Adaptabilidade do Neopentecostalismo Brasileiro à Mídia. *Revista Brasileira de História das Religiões*, n. 39, p. 143-164, 2021.

TORRES, Roberto. O Neopentecostalismo e o Novo Espírito do Capitalismo na Modernidade Periférica. *Perspectivas*, São Paulo, v. 32, p. 85-125, 2007.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.